

Um país doente *Saúde*

Mário Barreto Corrêa Lima

O povo brasileiro não é bem o que se possa chamar de povo saudável. Seu índice de mortalidade infantil, em números de 1980, atinge 77 por mil, e a taxa de óbitos de um a quatro anos, sete por mil. Nos 63 países considerados de economia de renda média, apenas 29 assumem cifra superior. E a esperança de vida ao nascer não vai além dos 63 anos, menos ainda entre a população rural e os nordestinos, que mal passam dos 50. Enquanto, nos países industrializados de economia de mercado, ela oscila entre os 73 e 75 anos, e de 71 a 73 anos, nos de economia centralizada.

Fortaleza representa o exemplo mais triste. Situa-se no melancólico rol dos três lugares de maior mortalidade infantil do mundo, partilhando com o Laos e o Camboja a companhia da miséria. No mais, informa a Organização Mundial de Saúde que, no Brasil, há um médico apenas para cada 1 mil 700 pessoas (a média é um para 620 nos países industrializados), e que apenas 77% da população têm acesso à água potável.

A segunda constatação é a de que o povo brasileiro é um povo cada vez mais pobre, graças à concentração da renda e à perda crescente do poder aquisitivo, fruto das diretrizes econômico-financeiras vigentes. Assim, unindo o inútil — a atual política de assistência médica — ao desagradável — o povo pobre e doente — chegamos ao mal de raiz do brasileiro. As doenças oriundas da pobreza em si, somem-se aquelas proliferando a expensas do mal dos tempos, as angústias e tensões. Se passar pela fome, o brasileiro tem a enfrentar as infecções, os distúrbios cardiocirculatórios, as neoplasias.

Pobreza é sinônimo de falta de infra-estrutura básica de saneamento, traduzida por habitação insalubre e água contaminada; por alimentação parca e má, que gera uma gama de carências nutricionais, deixando marcas prematuras, inclusive a mutilação do cérebro; pela predisposição às infecções, através da alteração do sistema imunológico; pela ignorância ou desconhecimento das normas educacionais comezinhas da saúde.

Se o quadro parece desalentador, na verdade corrobora apenas palavras dos sanitaristas, ao designar o Brasil "um país doente".

Hoje, o grupo das doenças infecciosas domina o quadro mórbido da população brasileira e serve de indicador (lamentável) do nosso desenvolvimento. Se, antes, a população carente se delimitava geograficamente nas áreas rurais e interiorizadas, agora, com as migrações em busca de mercados de trabalho, ela caminha Brasil afora, perdida, desesperan-

çada e revoltada. As doenças descentralizaram-se, e proliferam ao abrigo da fácil transmissão nos centros urbanos, seja pelas condições de isolamento dos hospitais, seja pelas transfusões de sangue.

Grave é também o problema configurado pelo número de bebês que nascem com deficiências mentais. Representavam, no final da década passada, 3% do total de gestações comprovadas. Embora a causa mais séria, não é apenas a desnutrição que conta. Há outras. O perfil do ambulatório psiquiátrico público aponta um morador de subúrbio, salário mínimo, comida de marmita, três horas e meia de condução diária trabalho-casa, medicado com diazepínico. Doença mental igual, portanto, a uma questão econômica, social e política.

Mas nas doenças cardiocirculatórias encontra o brasileiro o porquê da morte, muitas das vezes, prematura. Seu fantástico crescimento no Brasil, nos últimos 40 anos, acompanhou o processo de industrialização e urbanização, com novos modos de vida, costumes e valores. O estresse e a hipertensão já não são privilégios dos mais velhos. O tabagismo (25 milhões de fumantes no país) anda **pari passu** com as doenças coronárias, o enfisema, o câncer do pulmão e do aparelho urinário.

A considerar, por fim, os acidentes e patologias que envolvem os 44 milhões de empregados da força de trabalho do País. Erradamente eles ganham o rótulo de fortuitos, embora rompam o espaço do ambiente de trabalho, guardando seus efeitos no organismo, com todas as suas conseqüências, a curto ou longo prazo.

Esses acidentes de trabalho, por exemplo, implicam conotação de produção social, uma produção que exige maiores sacrifícios, porquanto realizada num país de economia dependente. São a fadiga, as condições de vida, trabalho e salário. Número subestimado fala de 2,4 milhões de acidentes de trabalho por ano. Dados cuja manipulação se evidencia pelo aumento progressivo de mortes e invalidez permanentes, enquanto o número absoluto de acidentes caiu de 1,9 milhão em 1975, para 1 milhão e meio nos anos de 80 e 81.

Uma questão central, então, se coloca. As doenças de massa são doenças da pobreza e não se acabará com elas se a questão econômica e social, que lhe serve de pano de fundo, não for pensada, considerada, ponderada e resolvida.

O Brasil é um país doente, em todos os sentidos.

Mário Barreto Corrêa Lima é professor titular universitário e presidente da Associação Médica Brasileira.